

Etnicidade em movimento: Poesia Afro-Alemã como resistência cultural e política no século XX

Aline Dias dos Santos¹ 

Secretaria da Educação do Estado da Bahia

Novos Pesquisadores | New Researchers | Novos Pesquisadores

DOI do artigo: 10.22481/odeere.v6i01.8606

RESUMO

Afro-alemães são pessoas negras que tem um dos progenitores alemão (branco) e o outro negro de qualquer parte do mundo. Historicamente os que se identificam como afro alemães são desconectados da cultura alemã, há uma forte crença no país onde uma escolha silenciosa é feita: Ou você é alemão, ou negro. Uma vez negro, você não é alemão. A partir de duas poesias da poeta afro-alemã May Ayim, apresento uma reflexão sob a perspectiva histórica sobre motivos que levam à elaboração e reelaboração de identidades e afirmação dos afro-alemães num contexto local e global.

Palavras-chave: Diáspora negra, Afro-alemães, História, colonialidade, conflitos étnicos

Ethnicity on the move: Afro-German poetry as cultural and political resistance in the 20th century

ABSTRACT

Afro-Germans are black people who have one German parent (white) and the other black parent from anywhere in the world. Historically those who identify themselves as Afro-Germans are disconnected from German culture, there is a strong belief in the country where a silent choice is made: You are either German or black. Once black, you are not German. Based on two poems by the Afro-German poet May Ayim, I present a reflection from a historical perspective on reasons that lead to the elaboration and re-elaboration of identities and affirmation of Afro-Germans in a local and global context.

Keywords: Black Diaspora, Afro-Germans, History, coloniality, ethnic conflicts.

Submetido em: 01 de mai. de 2021 | **Aceito em:** 25 de jun. de 2021

Este texto é resultado de um estudo de caso desenvolvido durante a disciplina -Temas e Metodologias em História Global: Identidade, etnicidade e território. Nos estudos em história, é comum que o uso de etnia e etnicidade sejam utilizados com maior frequência, associada a grupos com minorias de direito dentro de uma população, entretanto é crescente a compreensão de que na verdade, a etnicidade é um atributo que todos os membros de uma população possuem, e não apenas determinados segmentos desta podendo ser compreendida como um conjunto de características comuns a um grupo de pessoas, que as diferenciam de outro grupo.

¹ Doutoranda pelo programa de pós-graduação em história da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), vinculada ao Laboratório de Estudos de Gênero e História do LEGH/UFSC. Pesquisadora associada ao Instituto de Estudos de Gênero/IEG. Membro do grupo de pesquisa Oju Obinrin: Observatório de Mulheres Negras, bolsista por ações afirmativas CAPES. E-mail: diasdealine1@gmail.com

A experiência do povo alemão não mostra de fato uma unidade, nem cultural nem étnica, existem articulações políticas que se sobrepõem. A existência de afro-alemães é uma das articulações pouco compreendidas dentro e fora da Alemanha como uma identidade possível e legítima originada a partir de diversos processos históricos daquele país. Stuart Hall 1999 sinaliza que isso ocorre porque muitas vezes pensamos na identidade cultural e na identidade nacional de um povo como elementos que são parte de nossa natureza, um tipo de essência imutável, e que essa visão de mundo limita as possibilidades de formação de comunidades étnicas com equidades de direitos.

A diáspora negra é amplamente discutida em diversas partes do mundo, no entanto as discussões têm ocorrido com maior profundidade questionando as trajetórias negras nas Américas ou África pós lutas por libertação. As discussões sobre as diásporas européias vem construindo espaços de diálogo. Eventos como a Conferência Bianual da AfroEuropeans por exemplo, que está em sua décima edição, tem chamado atenção para a necessidade de inserir a trajetória da diáspora negra européia contemporânea nas narrativas e pesquisas a fim de ampliar o debate sobre os trânsitos e as formas de pertencimento que as existências afro diáspóricas vão ganhando. A Afro-Alemanha vem chamando atenção de algumas pesquisadoras brasileiras, principalmente no campo da tradução, que está construindo pontes de diálogo e alianças de afro afeto buscando o que foi historicamente negado.

Este artigo tem a intenção de contribuir para o debate trazendo elementos para contrapor a ideia de identidade alemã natural e fixada em pessoas com fenótipo específico: pele branca, cabelos e olhos claros; e evidenciar que as identidades nacionais são construídas a partir de discursos e relações de poder, e que estas escolhem quem pertence a nação a partir dos contextos históricos (HALL 1999 p.51-54). Portanto neste trabalho as identidades nacionais são entendidas como construções que caminham entre tempos históricos, construídas e modificadas a partir de elementos de representação, da história, da política e da diferença (HALL, 1999, p. 87-89) e não como naturais e imóveis num passado fundador.

Os grupos étnicos são uma das muitas formas de organização social que formam identidades atribuídas pelas pessoas que se identificam com o grupo

étnico, mas também identidades atribuídas por outras pessoas a partir do conjunto de características combinadas, que por sua vez são escolhidas a partir de cada contexto histórico e do que os participantes daquela comunidade escolhem para organizar o grupo e imprimir uma unidade (BARTH, 1998, p.189). Os membros da sociedade alemã partilham diversos elementos culturais, que foram sendo construídos ao longo de suas trajetórias históricas e que dão forma ao significado de ser alemão; por exemplo, território em que se nasce, as tradições e costumes, a língua e o sentimento de pertencimento. Estas são algumas características que fazem com que interna ou externamente seja possível que um sujeito seja reconhecido como alemão e outro como brasileiro, por exemplo.

A partir de estudos como o de Hall 1999 e Anderson 2017 compreende-se que esses elementos culturais não se formam de maneira orgânica, não é natural ou inato possuir as características que nos fazem perceber uma pessoa alemã (Hall 1999 p.59-61). Os elementos são sistematizados a partir de uma comunidade imaginada e dentro de um sistema de representação. A organização e sistematização desses elementos formam a nação e conferem a ideia de nacionalidade. Dentro desses processos algumas características podem ser estereotipadas para manter a narrativa de unidade e aprofundar a noção de pertencimento muitas vezes alcançando status de tradição.

Nesse sentido, a nação é compreendida como imaginada porque é estruturada por meio de práticas culturais e econômicas dos estados modernos e ganham vida a partir do momento em que se percebe que os membros da menor das nações jamais conhecerão e jamais ouvirão falar da maioria dos outros membros da mesma nação, contudo, na mente de cada um deles persistirá a ideia de uma comunidade (ANDERSON 2017 p.32) e unidade. Diferente do modelo que entende a nação como fixa e dinástica. A comunidade imaginada se fortalece através dos símbolos forjados pelos mecanismos de poder que irão agir independente das desigualdades e violências que existirem dentro daquela comunidade que vem sendo formada.

Cada nação define quais características são desejáveis. Os hinos nacionais, vestimentas específicas, que mais tarde serão caracterizadas como tradicionais, características raciais e étnicas, comportamentos específicos esperados de um povo entre outros símbolos de representação são escolhas importantes para a

identidade da comunidade que está sendo imaginada. O modelo de construção que constitui a identidade alemã, define que para ser alemão, é necessário ter traços culturais daquela nação e ter uma ancestralidade ligada aos membros daquela comunidade, tentando assegurar a representação étnica. E além disso, em nome de uma pretensa tradição, permanecer igual (COSTA 2012 p.246-250).

Portanto, dentro desta concepção a identidade alemã só é possível a quem está predestinada a elas². Porém a partir dos estudos de Hall 1999 é possível saber o que é uma pessoa alemã, porque a germanidade foi imaginada, construída, criada e representada num conjunto de características (HALL 1999 p 47-.50), o autor complementa ainda que a difusão desse conjunto de idéias, necessita ser constantemente realizada e adequada a cada contexto histórico, e assim continuar fazendo sentido. Ao passo que a nação define a si mesma, ela define quem é o outro e cria fronteiras.

Quando os alemães escolhem não prever a possibilidade de que outros grupos sem ancestralidade alemã reivindicam esse lugar, escondem as diferenças que vão surgindo no interior da nação através dos processos históricos e provoca, ao longo da história, um conjunto de consequências para a coexistência entre nacionais e imigrantes e seus descendentes (COSTA 2012 p.246). Não há negros na Alemanha, diz a identidade alemã hegemônica, "se há, são estrangeiros", considerar essa possibilidade, fere a unidade, a hegemonia étnica criada. Dentro de uma identidade engessada e voltada para o passado, uma pessoa não branca pode partilhar da língua, território, diversos elementos culturais, mas ainda sim, por causa da ancestralidade, não é permitido que seja reconhecida dentro dessa identidade nacional.

Nascer na Alemanha não garante direitos iguais aos sujeitos não portadores da ancestralidade imaginada. Woodward 2014 é assertiva ao apontar que apesar das identidades serem intrinsecamente marcadas pelas diferenças, algumas diferenças entre grupos étnicos se mostram mais importantes do que outras e estas diferenças são acionadas em momentos específicos (WOODWARD, 2014 p.10-11). O conceito de raça está ligado a diferenças fenotípicas entre as pessoas; a etnia

²Assim a identidade nacional é assimilada à cor da pele, ao sexo, ao parentesco e à época do nascimento-todas essas coisas que não se podem evitar. E nesses "laços naturais" sente-se algo que poderia ser qualificado como "a beleza da Gemeinschaft [comunidade]" ANDERSON 2017 p.201.

por sua vez está associada às práticas e construções culturais que diferenciam uma comunidade das demais. Os afro-alemães são retirados do lugar de alemães pelo discurso da ancestralidade, mas principalmente por causa da cor da pele e os traços fenotípicos, não podem ser alemães porque são negros.

Traços fenotípicos não determinam uma etnia, mas a racialização de um indivíduo aponta que a raça é uma entre diversas formas de expressar e vivenciar a etnicidade. Os afro-alemães muitas vezes têm os dois traços combinados, pois além da cor da pele, podem trazer parte da trajetória africana, sobrenome ou práticas culturais que para serem considerados alemães verdadeiros deveriam ser abolidas. Quando a raça e etnia são combinadas, se organizam dentro de um sistema classificatório dentro e fora de um grupo étnico, onde as características físicas colocadas como inferiores, não acessarão os mesmos lugares sociais e direitos naquela sociedade. Neste caso, são alemães, mas são negros.

Apesar do discurso que pretende fechar a ideia de identidade nacional dentro de um ideal etnicamente hegemônico branco, algumas pessoas negras alemãs registraram suas trajetórias e se auto inscreveram como dissonantes dessa hegemonia. A literatura negra alemã é um dos suportes possíveis para interpretar esses conflitos étnicos pois engloba um espectro muito grande de obras. Dentre os temas discutidos, há autobiografias, poesias, obras acadêmicas e ativismo político. Muitos destes escritores e escritoras trataram de questionar o modo com que o pertencimento étnico a Alemanha era negado, tentando entender o ser e estar no mundo alemão (PILZ, 2019 s/n, Literatura negra alemã 2019 s/n).

A partir da década de 1980 a literatura afro-alemã começou a ganhar corpo e identidade, sendo hoje o principal meio de difusão para evidenciar a existência de afro-alemães em diversos processos históricos e “ em oposição às abordagens nacionalistas ou etnicamente absolutas” (GILROY, 2001, p. 57). Os processos históricos, as lutas por direitos civis vividos por negros de outras partes da diáspora, contribuíram para reuniões de pessoas de cor alemãs, sobretudo mulheres, começassem a acontecer. Uma diversidade imensa de pessoas que passaram a utilizar a língua alemã para conversar sobre os elementos sociais que as colocavam numa espécie de entre lugar naquela sociedade. Esse período, acredito, representa uma ruptura importante na matriz da comunidade imaginada, evidenciando a existência crescente de conflitos étnicos entre os alemães.

A partir da poesia afro-alemã de May Ayim (Hamburgo, 1960 - Berlim, 1996), é possível perceber rachaduras na hegemonia étnica daquela sociedade. Através de seus poemas, Ayim registra narrativas contra-hegemônicas presentes na Alemanha do século XX. Estas narrativas ainda não encontram espaço entre a literatura alemã hegemônica, sendo utilizada majoritariamente a partir das militâncias negras que a inserem no bojo das pesquisas e discussões dentro e fora dos círculos acadêmicos. Escolhi dois poemas para refletirmos as identidades étnicas alemãs. São eles, Afro-alemã I e Sem fronteiras e audaciosa: um poema contra a bel (uni-)dade alemã. Ambos publicado no livro blues in schwarz weiss (*Blues em preto e branco*)³. É importante evidenciar que não é possível refletir sobre o modelo de sociedade e identidade alemã, se excluirmos da análise os séculos de nacionalismo racista, a experiência colonial europeia e a racialização da identidade alemã.

Os efeitos históricos do nazismo, construção e queda do muro de Berlim e outros diversos processos que compõem uma matriz histórica de poder que está presente e interfere sendo percebida, ou não (HOUVE 2011 s/n). Por isso, ainda que não adicionemos esses períodos históricos, é importante chamar atenção para sua presença que caminha entre tempos históricos atualizando, e reinventando tradições a fim de manter a hegemonia.

May Ayim nasceu na Alemanha dívida, colhendo ainda frutos do fim da segunda guerra mundial, planejando a construção do muro de Berlim, fragmentada e disputando entre si qual narrativa seria vitoriosa. May era filha um médico ganês Negro e de uma alemã branca. Rejeitada pela mãe, que não conseguiu pensar em como criar uma filha negra nesse contexto, seu pai tentou levá-la consigo para Gana, onde ele terminava seus estudos, porém May era alemã, e não pode deixar o país⁴. May Ayim apesar de alemã, carregava consigo as marcas históricas deixadas pela experiência colonial alemã em países do continente africano, evento no qual a população negra em diáspora passou por

³ No Brasil os seus poemas têm sido traduzidos por Jessica Oliveira de Jesus, afro-brasileira. É tradutora, crítica literária, doutoranda em Literatura e Cultura (UFBA) e integrante do Grupo de Pesquisa Traduzindo no Atlântico Negro (UFBA). É também mestre em Estudos da Tradução (UFSC) e bacharel em Letras (USP).

⁴ (OLIVEIRA 2018p.37)

explorações e foi lançada à condição de marginalidade social⁵, fazendo com que ela, por ser negra, fosse um problema, e como alemã, não poderia fazer de outra nação sua casa.

Alemanha através das ondas migratórias, recebeu e continua a receber imigrantes, possibilitando refletir essa cultura a partir de novas categorias que vão contra a ideia de homogeneidade étnica e cultural como por exemplo a categoria de entre-lugar. Segundo Homi Bhabha, estudioso do pensamento pós-colonial, o entre-lugar nasce a partir de conflitos realizados quando duas fronteiras culturais se chocam redimensionando o estranhamento cultural e possibilitando que se torne “o lugar a partir do qual algo começa a se fazer presente...”⁶, e assim deslocando as hegemonias culturais.

Dentro desse contexto, May foi adotada ainda criança por um casal de alemães brancos. Cresceu, estudou numa faculdade em Münster, especializando-se em Língua Alemã e Estudos Sociais, investigando o racismo escolar alemão e foi docente em diversas universidades. May relata toda sua experiência como negra e alemã em cartas e poemas, foi a primeira escritora negra e alemã a publicar textos em alemão utilizando a língua como ferramenta de comunicação com outras pessoas alemãs negras e como questionamentos para aquela comunidade. Em seu poema Afro Alemã I, é possível observar esse não lugar dentro da sociedade alemã. Segue o poema traduzido:

⁵ (PELZ 2019 s/n)

⁶ (BHABHA, 2003 p.19)

<p style="text-align: center;">Afro Alemã I</p> <p>Você é afro-alemã?...</p> <p>Ah! Entendi...: africana e alemã.</p> <p>Não é que dá uma mistura interessante!</p> <p>Sabe que muitos ainda pensam que os mulatos não conseguem ir tão longe na vida quanto os brancos</p> <p>Eu não acredito nisso.</p> <p>Quer dizer:</p> <p>com a educação adequada...</p> <p>Realmente,</p> <p>que sorte a sua ter crescido aqui.</p> <p>Até com pais alemães. Veja só!</p> <p>Você não tem vontade de voltar algum dia?</p> <p>O quê?</p> <p>Você nunca esteve na terra do seu pai?</p> <p>Ai que triste...</p> <p>Olha, se você quiser saber:</p> <p>Uma origem dessas deixa uma marca e tanto.</p>	<p>Eu, por exemplo, sou de Westphalia, e acho que lá é meu lugar...</p> <p>Gente! com toda miséria do mundo!</p> <p>Ainda bem que você não ficou na selva,</p> <p>pois hoje você não teria chegado</p> <p>Quer dizer, você é mesmo uma mocinha bem inteligente.</p> <p>Se estudar bastante</p> <p>vai poder ajudar sua gente lá na África:</p> <p>Você foi predestinada para isso!</p> <p>Eles vão te ouvir com certeza, Já a nós aqui...</p> <p>Bem, há um desnível cultural...</p> <p>O que você quer dizer?</p> <p>Fazer algo aqui.</p> <p>Que diabos você poderia fazer aqui, hein?</p> <p>Ok, ok... nem tudo são flores por aqui,</p> <p>Mas acho que cada um deveria olhar Primeiro pro seu próprio rabo!</p> <p>May Ayim, 1985 In: Blues in Schwarz Weiss, p. 18-9. Tradução de Jéssica Oliveira de Jesus</p>
---	---

A poesia Afro-alemã I, inicia apresentando uma categoria que divide a identidade nacional alemã. May Aiyim ao inserir a categoria afro numa identidade nacional engessada, sinaliza que a nação cria a necessidade de construir uma unidade, e faz isso ignorando, suprimindo as diversidades locais. A categoria Afro-alemã evidencia o que Gilroy (2001) nos diz que é a lógica da dupla consciência que funciona muitas vezes de forma contraditória “dentro e ao mesmo tempo fora” de uma cultura e tem função política porque busca reestabelecer uma reterritorialização ou uma reinserção no mundo, destas populações (GILROY, 2001, p.94).

A narrativa oficial sobre a identidade alemã, coloca Negros e alemães como duas categorias distintas que se anulam: ou se é Negro ou se é alemão, uma vez negro, impossível ser alemão. “ *Você é afro-alemã? Ah! Entendi...: africana e*

alemã”, sua identidade estará sempre sendo questionada e ocuparão o lugar de “outro” dentro da nação em que os dois grupos partilham alguns os valores culturais. A cor da pele é um marcador suficiente para que afro-alemães sejam deslocados como sujeitos de identidade cultural africana, isso porque a hegemonia social é parte importante na manutenção da invenção de uma identidade nacional. O grupo deve permanecer coeso e para isso as estruturas de poder acionam mecanismos imprimindo “verdades” e “realidades”, do ponto de vista do poder que questiona e nega a existência do outro como estratégia de dominação.

As tentativas de empurrar uma identidade para as pessoas afro-alemãs, não ocorre como um convite para que conheçam seus antepassados, mas encontra morada no campo da violência. Uma disputa de possibilidades de ser e estar no mundo onde só é possível que uma identidade ocupe aquela nação. A alemã branca citada na poesia, representa a hegemonia de poder, pois se apresenta como quem tem o poder de decidir os caminhos da outra pessoa que é colocada como em desvantagem. O monólogo nos permite refletir que as identidades não são naturalmente definidas e não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias, elas são disputadas (Silva, 2014, p03).

”Fazer algo aqui.
Que diabos você poderia fazer aqui, hein?”
“Se estudar bastante
vai poder ajudar sua gente lá na África:
Você foi predestinada para isso!
Eles vão te ouvir com certeza, Já a nós aqui...
bem, há um desnível cultural...”

A identidade nacional é um conceito marcado pela raça no sentido em que se considera que as diferenças humanas têm por base uma variação biológica que se manifesta em aspectos físicos diferentes. De acordo com esse conceito as pessoas que estão em posição de provar que descendem da população original de um Estado Nação continuam a ter direitos e responsabilidades em relação ao governo da sua terra ancestral. Isto é, a nacionalidade pela linha da descendência e não pela partilha de uma língua, de uma história política, de uma cultura ou de um território (SCHILLER,2000, p. 42). Assim, se para os alemães brancos estão predestinados a ser alemães, para os afro-alemães, está predestinado o retorno ao

continente africano. Ainda que não exista nenhuma ligação ou intenção de proximidade com o continente. Muitas vezes não sabem nem o país de origem de seus antepassados, o único território que reconhecem como pertencimento é a Alemanha. O discurso de hegemonia cultural interfere nas experiências quando são introduzidos no cotidiano, a crença na pureza aprisiona os sujeitos no passado mítico que precisa se afirmar como real.

Gente! com toda miséria do mundo!
Ainda bem que você não ficou na selva,
pois hoje você não teria chegado
Quer dizer, você é mesmo uma mocinha bem inteligente.

Dividir o mundo social entre "nós" e "eles" significa classificar. A nação é em si uma estrutura de poder classificatória, a identidade e a diferença têm que ser nomeadas porque estão relacionadas ao modo que a cultura produz e utiliza estas classificações. A classificação em si não é um problema porque é parte de um processo de reconhecimento, subjetividade, porém nesse caso de conflito étnico e relação de poder, dividir e classificar, significa hierarquizar e imprimir valores diferentes as identidades que estão em relação (SILVA 2014, p 01). Desse modo, um sujeito posicionar-se como afro-alemão quebra essa dicotomia (KILOMBA,2006) e se apresenta como uma forma de enfrentamento da construção negativa da diferença que considera os afro-alemães como " os outros" (Woodward 2014, p. 50). Nesta perspectiva, a identidade é uma resposta política a um contexto político (CUNHA 1987 P.99).

Como demonstrado no decorrer do texto, dentro desse contexto de nacionalidade definida por laços de sangue e ancestralidade, um filho, neto ou mesmo bisneto de imigrantes, mesmo que tenha nascido na Alemanha, fale alemão sem sotaque e revele um profundo pertencimento não é admitido, subjetivamente, pela sociedade majoritária como membro pleno da comunidade alemã. No caso dos alemães descendentes de africanos, seus nomes, sobrenomes, cor da pele ou traços físicos são classificados pelos alemães brancos sem histórico de imigração como pouco compatíveis com sua própria definição do que é ser alemão. Na necessidade de afirmação de uma identidade nacional, unida à ideia de preservação e pertencimento, o "outro", nesse caso os afro-alemães passam a

ser visto como ameaça aos valores nacionais, que devem ser preservados. O nacionalismo é desse modo justificado e se torna ferramenta símbolo da "nação" para a afirmação do projeto político hegemônico⁷.

O nacionalismo é um ponto de atenção pois Sara Ahmed 2004 reflete que em nome da tradição são criados de sentimentos como raiva, ódio e medo, emoções utilizadas politicamente agregando significados simbólicos para fortalecer a narrativa que interessa a coletividade que está no poder (AHMED 2004 p. 43-44). A partir desta perspectiva, morrer pela pátria, a qual se pertence naturalmente, assume uma grandeza moral que deriva algo fundamentalmente sem misturas e, portanto, original e que precisa ser defendido para se manter assim. Em muitos discursos em defesa da nação, estas emoções circulam como ferramentas de defesa que se camuflam de amor para continuar criando a narrativa de "nós" e "eles", porque "eles" são o motivo de "nossos" danos e de "nosso" ódio, raiva, medo (Ahmed, 2004, p.48). Infelizmente este viés nacionalista que age em nome de um passado tem sido utilizado para oprimir diversas etnias em muitas partes do mundo, muitas delas são africanas e negras

Nesse sentido a autora ainda questiona, como emoções feito o ódio funcionam para que grupos se sintam confiantes para decidir sobre os corpos dos outros? (AHMED, 2004: 49). Em outra poesia, May Ayim nos aponta outras possibilidades de construção de identidade nesse contexto conflituoso. Segue:

<p>sem fronteiras audaciosa: um poema contra a bel(uni-)dade alemã</p> <p>teimarei em ser africana mesmo que me queiram alemã e farei questão de ser alemã mesmo que minha negritude não lhes agrade darei um passo mais à frente</p>	<p>onde estão minhas irmãs onde estão meus irmãos onde nossa LIBERDADE começa vou avançar mais um passo à frente e mais um passo à frente e regressar quando eu quiser se eu quiser</p>
--	---

⁷ "O fato é que o nacionalismo pensa em termos de destinos históricos, ao passo que o racismo sonha com contaminações externas, transmitidas desde as origens dos tempos por uma sequência interminável de cópulas abomináveis: fora da história. Os negros, devido à nódoa invisível do sangue, serão sempre negros; os judeus, devido ao sêmen de Abraão, serão sempre judeus, não importam os passaportes que usem ou as línguas que falem e leiam. (Assim, para nazista, o alemão judeu era sempre um impostor.) (Anderson, Benedict 2017, p.208/09).

até a periferia mais longínqua	- sem fronteiras e audaciosa - permanecer "1990, para Jacqueline e Katharina. May Ayim 1990. In: Blues in Schwarz Weiss, p. 61. Tradução de Jéssica Oliveira de Jesus.
--------------------------------	---

May Ayim responde ao contexto histórico da época a partir da poesia sem fronteiras audaciosa: um poema contra a bel(uni)-dade alemã, escrita após a derrubada do muro de Berlim⁸. A Alemanha estava se reconstruindo e se ligando ao passado tradicional branco para continuar existindo. Nesse momento May acionou a identidade alemã e se colocou num entre-lugar para construir possibilidades. A busca pela identidade, para se sentir em casa e não mais inadequada, foi construindo a identidade afro-alemã de May Ayim e vem fazendo parte da realidade da população de cor da Alemanha. Ao falar de liberdade, a escritora estava celebrando a possibilidade de escolher, a possibilidade de ser, existir como ela é. Sem precisar cortar um pedaço de si, ou inventar um pertencimento para entrar dentro de um discurso.

A profundidade das reflexões da poeta May Ayim refletem nas formações de identidade afro alemãs e negras contemporâneas. A poeta foi a primeira pessoa a escrever o termo "afro-alemão" em 1986 numa publicação organizada pela escritora e outras poetas negras alemãs feministas intitulado *Farbe bekennen: afro-deutsche Frauen auf den Spuren ihrer Geschichte*⁹. A publicação funcionou como documento fundador do movimento afro-alemão e contribuiu para inaugurar uma escrita antes invisível: a poética das mulheres negras alemãs¹⁰, parte

⁸ "como desabafo em relação ao aumento do número de ataques racistas e xenófobos em toda a Alemanha, que estavam diretamente relacionados às comemorações da reunificação que desenterraram com elas velhas ideias do que é ser alemã(o), isto é, com a queda do muro, a sonhada unificação trouxe à tona ideias nacionalistas ligados à supremacia branca, ao biotipo "ariano", à superioridade da língua alemã, e portanto, excluía todos que, de acordo com pressupostos nacionalistas, não se enquadravam nesses ideais (OLIVEIRA 2018 p.68).

⁹ Mostrando nossas cores: mulheres afro-alemãs em busca de sua história, tradução minha). As autoras definiram o conceito de Afro-alemãs como pessoas negras que tem um dos progenitores alemão nativo (branco) e o outro negro de qualquer parte do mundo (OGUNTOYE; OPITZ; SCHULTZ, 2006).

¹⁰ Uma figura central para o agrupamento das mulheres e consequentemente publicação do livro foi a afro-americana, poeta, lésbica e ativista Audre Lorde. O contato entre ela e May ocorreu na

das minorias étnicas na Alemanha oriental- RDA (Pilz. 2019, s/n). A poesia de May Ayim nos possibilita perceber a diáspora negra na Alemanha não sob a perspectiva da raça, mas a partir de formas geopolíticas e culturais resultado de trajetórias históricas e culturais que se modificam e transcendem" (GILROY, 2001, p. 25).

A poesia Afro-alemã I, nos convida a refletir entre outras possibilidades, a identidade atribuída a May Ayim pela visão do outro que, de maneira impositiva, ligava sua identidade nacional e cultural ao continente africano ignorando o pertencimento dela à Alemanha. Em sem fronteiras audaciosas: um poema contra a bel (uni-)dade alemã chame atenção para uma outra identidade sendo forjada a partir das escolhas e interpretações da própria autora, pensando nas potências que são geradas. Também possibilitando observar que o entre-lugar é um problema quando é designado a partir de uma estrutura de poder que empurra e pressiona para manter um grupo preso a um pertencimento que não faz sentido, nem histórico, nem social ou cultural.

A afirmação "sou alemã" é parte de uma extensa cadeia de "negações", de expressões negativas de identidade, de diferenças, ao tomar para si a identidade atribuída "sou africana", redimensiona a identidade afro-alemã reivindicando um lugar de existência naquela sociedade. As identidades sempre serão forjadas a partir de um ponto de vista. Uma nação ao ser imaginada, se torna um projeto político ancorado em estruturas de poder, distante da neutralidade. Assim, a identidade afro-alemã quando forjada, estabeleceu também um processo complexo de atribuição de sentido e reposicionamento de subjetividades (KAMTA, 2012, p. 156).

A sociedade alemã é marcada por embates raciais e étnicos que não desaparecem da história, apenas se torna mais evidente para as etnias que sofrem com a sociedade idealizada, imaginada. As organizações de afro alemães se tornam mais visíveis, assim como organizações que buscam uma afirmação de identidade, buscando sua legitimidade nas referências de um suposto e verdadeiro passado (WOODWARD, 2000, p. 23), como é o caso de diversos grupos de ódio e da onda de fascismo e xenofobia que está se espalhando pela Europa

Universidade Livre de Berlim na década de 1980, onde Lorde foi professora convidada. Ao transitar pela universidade, Lorde achou necessário juntar as mulheres de cor para que pudessem falar por elas mesmas, pois pareciam invisíveis na cidade (Pilz. 2019, s/n tradução minha).

e pelo mundo.

Desse modo é importante ampliar o debate sobre etnicidade e questionar o que muitas vezes nos parece óbvio: Ser diferente é ser inferior? Que cor são seus olhos, são verdes? Se seus olhos são verdes, você é branco? Se você é branco, você é europeu? Se você tem olho verde e pele escura, você é superior pelo seu olho e inferior pela cor da pele? A etnicidade nos traz esse debate, sobre quem nós somos. Sobre a identidade de povos, de grupos, sobre relações de poder. A identidade negra, como todas as entidades, é relacional e contingente. Branco e negro existem, em relação um ao outro; as “diferenças” são criadas e utilizadas conforme hierarquias globais de poder dentro do contexto histórico em que se forma e são processos em andamento.

Referências

AHMED, Sara. The Organisation of Hate. In: AHMED, Sara. **The Cultural Politics of Emotion**. 1. ed. 2004. Cap. 2.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Companhia das letras, 2017 - Capítulo 7. Patriotismo e Racismo p.199-215

BARTH, F. 1998 Ethnic Groups and Boundaries. Tradução e impressão: Poutignat & Philippe. Teorias da etnicidade. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Frederik Barth. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1998. **Parte II: Grupos étnicos e suas fronteiras, de Frederik Barth**, p.185-228.

BHABHA, Homi Komi. **O local da cultura**. Trad. Miriam Ávila et al. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008. P.19.

COSTA, Sérgio – **Regimes de Coexistência Interétnica no Brasil e na Alemanha: Contribuições a um debate inexistente**. Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Número temático: Imigração, Diversidade e Convivência Cultural, 2012, pág. 235-259

CUNHA, Manuela Carneiro da. Etnicidade: da Cultura residual, mas irreduzível. In: **Antropologia do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1987. Disponível em: https://leiaarqueologia.files.wordpress.com/2018/02/10_etnicidade_da_cultura_residual_mas_irreduzivel.pdf . Acesso em 05/04/2021.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu Silva: DP&A Editora. 7ª edição – São Paulo. 2005.

_____. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. SILVA, Tomaz T. (org.),

HALL, Stuart HALL,. DP&A Editora. 7ª edição – São Paulo. 2005.

HOVE, Johnny Van. **NSU-TERROR “Ein Tiefpunkt in der rassistischen Dauerkrise“**. MiGAZIN, 21/12/2011. - Disponível em <<https://www.migazin.de/2011/12/22/ein-tiefpunkt-in-der-rassistischen-dauerkrise/>> Acesso em 30 de Abril de 2021.

KAMTA, F. S. **Ideologie und Identifikation in der afrodeutschen Literatur**. In:HOFMANN, M.; MORRIEN, R. (Org.).Deutsch-afrikanische Diskurse in Geschichte und Gegenwart: Literatur- und kulturwissenschaftlichen Perspektiven.Amsterdam: Rodopi, p.151-169, 2012.

KILOMBA, G. **Wo kommst du her?** 2006. Disponível em: <<https://heimatkunde.boell.de/2006/05/01/wo-kommst-du-her>> Acesso em: 27 mar. 2020.

KOEPSSELL, Philipp Khabo. **Pátria, Identidade e Racismo**. Goethe-Institut e. V., Online-Redaktio Dezembro de 2019. Disponível em: <<https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/fok/zgh/21754686.html>> . Acesso em 30 de Abril de 2021.

OGUNTOYE, K.; OPITZ, M.; SCHULTZ, D. (Org.).**Farbe Bekennen: Afro-deutsche Frauen auf den Spuren ihrer Geschichte**. 3. Ed. Berlin: Orlanda Frauenverlag, 2006.

OLIVEIRA DE JESUS, J. **May Ayim e a tradução de poesia afro-diaspórica de língua alemã**. 165 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução), Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina,Florianópolis,2018.

PELZ, Daniel. **Protesto de afro-alemães por igualdade completa 100 anos**. DW, 26/07/2019. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/protesto-de-afro-alem%C3%A3es-por-igualdade-completa-100-anos/a-49763145>>. Acesso em 30 de Abril de 2021.

PIESCHE, P. (Org.). **Euer Schweigen schützt euch nicht: Audre Lorde und die schwarze Frauenbewegung in Deutschland**. Berlin: Orlanda Frauenverlag, 2012.

PILZ, Cristina. **"Poetic Visibility: East German Poetry and Blackness in Farbe Bekennen (1986)."** Third Generation Ost-USA, 26 August 2019. Disponível em: <<http://thirdgenerationost.com/poetic-visibility-east-german-poetry-and-blackness-in-farbe-bekennen-1986/>>. Acesso em 30 de Abril de 2021.

RON, S. **Afrikanische Diaspora und Literatur Schwarzer Frauen in Deutschlan**, 2009. Disponível em: <<https://heimatkunde.boell.de/2009/02/18/afrikanische-d-iaspora-und-literatur-schwarzer-frauen-deutschland>>. Acesso em 30 de Abril de 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império Cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. Capítulo 6: Descolonização Cognitiva: uma introdução, p.161-210.

_____**Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

SCHILLER, Nina Glick. Laços de sangue: os fundamentos raciais do estado-nação transnacional. In: **Identidades: estudos de cultura e poder**. São Paulo: Editora Hucitec, 2000.

WOODWARD, K. 2000 Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. Em Silva, Tomaz Tadeu da Silva; Stuart Hall & Kathryn Woodward. **Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos culturais**. In Tomaz Tadeu da Silva (Org.) Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, cap.1, p.7-72.



This work is licensed under a Licence [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

